

Pedro Pinto

Sócio fundador da pbbr



Tem em Inocêncio Galvão Telles uma referência na profissão que escolheu e em que, admite, ficou “viciado”. Pedro Pinto, sócio fundador da pbbr, é advogado desde 1990, dedicando-se em especial ao Direito Comercial e Societário.

Viagem mais marcante

Talvez uma viagem a Veneza e Florença, com paragens em Siena e San Geminiano, na Toscana. As férias em família no Brasil, em Búzios, praia de Geribá, com uma passagem obrigatória pelo Rio de Janeiro, a cidade mais deslumbrante que vi até hoje.

Destino para escapadinha em Portugal

Uma certa praia no Algarve, sobretudo fora de época. Um trilho que descobri na Serra da Estrela, já bem alto e com uma vista deslumbrante, onde corro por vezes quando vou lá e onde um cinquentão poder torcer um pé...

Recanto em Lisboa

O passeio que vai até ao pontão antes da entrada da Doca de Pedrouços, onde, sempre que posso, vou aos sábados à tarde passear o meu cão, o Guga, lavar os olhos nessa vista em que o rio entra no mar, com o Bugi ao fundo, sobretudo nas tardes de inverno, com frio, um pouco de vento e o sol a pôr-se.

Carimbo que falta no passaporte

Falta-me ver tanto. Sinto um fascínio particular pela Índia. Do que tenho lido, visto em filmes ou ouvido, talvez encontre ali um reduto de sabedoria e espiritualidade que a vida no ocidente perdeu, nesta obsessão pelo prazer fácil e instantâneo. Hei de ir um dia por aí fora numa autocaravana, confortável e bem equipada, sem destino certo.

Hobbies

Ler, sem dúvida. Nos últimos tempos mais “não ficção”, com particular prazer em livros de memórias. Gosto particularmente de histórias de vida de pessoas que se distinguiram nalguma coisa ou têm simplesmente memórias que partilham com o leitor. E que fazem isso numa altura da vida em que a idade, experiência e inteligência lhes confere aquilo que a língua francesa tão bem qualifica de “sagesse”. Também pratico algum

desporto, para tentar manter a forma, ou evitar algumas formas. Um dia volto ao golfe.

Livro

“Guerra e Paz”, de Tolstoi; “Memórias de Adriano”, de Marguerite Yourcenar; “Nobreza de Espírito”, de Rob Riemen, um livro que todos deviam ler.

Restaurante

O “Pássaro Azul” na praia de Olhos de Água, no Algarve. Não por ser extraordinário, mas sobretudo pelos bons momentos que as idas lá em família e com bons amigos sempre significam. Um dia levaram-me a um restaurante em Lyon, de que não me recordo o nome, onde comi uma refeição dos deuses, incluindo o meu prato favorito.

Prato

Lá está, Confit de Canard. Quando é bem feito, é a melhor coisa que me podem dar.

Bebida

Vinho tinto, definitivamente. Português, de preferência do Douro.

Série

Não sou muito de séries, até por falta de tempo. Com uma importantíssima exceção: “A Guerra dos Tronos”. Como é possível ficar um ano à espera da nova temporada? Como vamos fazer até lá?

Filme

“Citizen Kane”, de Orson Welles.

Banda sonora da vida

“Era uma vez na América”, com a banda sonora de Ennio Morricone.

O que lhe falta fazer

Tenho 51 anos, ainda sou tão novo para responder a isso, espero. Falta-me fazer tanto. Ser melhor pessoa, melhor advogado, aprender sempre, todos os dias, com todas as pessoas. Ser mais tolerante com os outros. Talvez comigo.

Um exemplo de vida

Os meus pais, com uma referência especial neste momento à minha mãe. Pela coragem que revelou muito jovem, optando por arriscar a sua liberdade por aqueles que não a tinham ou não podiam expressar livremente as suas convicções. Pela nobreza de espírito e de carácter, bondade, entrega aos outros ainda que com sacrifício de si, sempre a primeira a chegar e a confortar, a ser o porto de abrigo de família, amigos, dos seus doentes.

Um advogado de referência

Inocêncio Galvão Telles. Por razões familiares tive a sorte de privar com ele. Em duas ou três ocasiões permiti-me maçá-lo para pedir conselho. Não me esqueço da forma como ele ouvia a minha descrição do caso, pedia licença e se levantava, indo no seu passo buscar o código civil, que obviamente tinha dentro da cabeça. Da forma como abria o código e lia e relia sempre os artigos aplicáveis, antes de dar a sua opinião, encarquilhando a testa, quase se ouvindo o cérebro poderoso a trabalhar. Como depois me dava a sua opinião, finalizando “Não acha, Pedro?”, fazendo-me participar generosamente na sua descoberta cristalina da solução, com a humildade e a gentileza dos que são verdadeiramente bons. Marcou-me esse exemplo de humildade sábia perante a Lei e o Direito, que nalguns casos ele próprio criou.

É advogado porque...

Um dia experimentei e fiquei viciado.

Se não fosse advogado seria...

Na minha próxima encarnação serei arquiteto, se não conseguir ser um escritor genial.

advocatus@briefing.pt